



WENCESLAU D MORÆS

Ó-Yoné e Ko-Haru

1854 2004



W.MORÆS
150 ANOS

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Ó-Yoné e Ko-Haru

Autor: Wenceslau de Moraes

Edição: Instituto Camões
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Janeiro de 2006

ISBN: 972-27-1426-0

Depósito legal: 234 892/05

PREÂMBULO

*Passaram mais de oitenta anos sobre a primeira e única * edição em língua portuguesa de Ó-Yoné e Ko-Haru. Não obstante, esta foi por muitos considerada a obra maior de Wenceslau de Moraes (1854-1929). A sua reedição, ora empreendida, é, pois, e antes de tudo, um acto de justiça, um marco importante na vida cultural portuguesa e uma restituição que a Comissão Organizadora das Comemorações dos 150 Anos do Nascimento de Wenceslau de Moraes faz a um universo cultural que em muito excede as fronteiras do território português e, mesmo, do espaço lusófono.*

A iniciativa resulta da conjugação de esforços do Instituto Camões e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda em torno de um projecto que pretende retomar o caminho, há muito interrompido, da reedição da obra completa de Wenceslau de Moraes. Devolver-se-á, então, um dos mais singulares autores da Literatura Portuguesa ao universo dos leitores da língua de Camões, muitos dos quais se encontram ligados ao Japão — o país escolhido por Moraes para levar a exegese da fuga às últimas consequências, para além do colorido da prosa e do exotismo, à concretização da viagem material, estética e moral.

Concebendo o momento comemorativo como um acto lubrificador da memória de um povo, de uma cultura, de uma civilização, cremos que ele só cumprirá tal função quando, gizado dentro de um quadro de modernidade e de contemporaneidade, comporte em si um projecto de renovação. Esperamos, pois, que, fazendo jus ao espírito que lhes preside, um novo ciclo no estudo, na divulgação e na internacionalização de Wenceslau de Moraes dê continuidade ao trabalho encetado com estas Comemorações.

* Foi entretanto editada em Macau pela COD, nos finais de 2004, uma versão desta obra.

E incentivar e internacionalizar a investigação e a obra moraesianas passa, também, pela tradução cuidada do Autor para línguas europeias e por verter para português os inúmeros estudos que lhe têm sido devotados, sobretudo por autores japoneses.

Coube-nos a tarefa de coordenar a presente edição. Grata e prestigianete, sem dúvida, mas não isenta de algumas dificuldades, nomeadamente as que, geradas pela distância, nos privaram do acesso a alguma bibliografia subsidiária. Aqui fica a referência sem que com ela pretendamos dirimir-nos dos erros e lacunas que a mesma possa comportar.

Não pretendendo atormentar o espírito de Wenceslau de Moraes, a tais práticas tão avesso e sensível — e, como se sabe, firme opositor das reformas ortográficas de 1911 e 1920 —, o respeito pelo espírito de divulgação que preside às Comemorações, sob cuja chancela se preparou esta edição, e a consideração do público a que se destina determinaram que se procedesse à actualização da ortografia, sempre pautada pelo princípio da inteligibilidade do texto. Manteve-se embora, por questões de estilo e de coerência interna, a forma original nas citações incluídas na «Introdução» que a precede. Assim aconteceu também com os onomásticos, os topónimos e os estrangeirismos, seguindo-se, na ausência do manuscrito, a edição de 1923, publicada no Porto pela editora da «Renascença Portuguesa».

As mesmas razões impuseram que reduzíssemos o aparato crítico da presente edição ao mínimo indispensável, remetendo o leitor interessado para a bibliografia existente, sendo que a fundamental se encontra citada na «Introdução», que precede a obra.

A selecção iconográfica pretendeu respeitar o carácter intimista de Ó-Yoné e Ko-Haru, obra na qual Wenceslau de Moraes ocupa indubitavelmente o lugar de protagonista principal. Assim, procurámos ilustrar a figura, a vivência e o ambiente que rodeavam o Autor à época de redacção (1916-1920) das diferentes narrativas que integram o livro, sem, contudo, menosprezar alguma da sua temática. Reproduzem-se igualmente a capa e a página de rosto da 1.^a edição. Por justificada opção editorial, as ilustrações foram reunidas num pequeno caderno, ao invés de acompanharem o texto de perto.

Uma palavra final de agradecimento para aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram ou facilitaram este trabalho, neles se incluindo a empresa COD, o Instituto Ricci, o Arquivo Histórico e a Biblioteca Central, de Macau, e, ainda, o Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa. Ao Fernando, pelas horas de convívio que este trabalho lhe roubou e pela ajuda na revisão do texto dactilografado,

tal como à São. À Mestre Ana Paula Laborinho pela disponibilização de informação sobre os critérios adoptados na reedição de uma outra obra do Autor e pelas suas úteis sugestões. À Mestre Manuela Paiva o nosso muito especial agradecimento pela ingrata tarefa de revisão e de correcção do texto final.

Ao Sr. General Dr. Pedro Barreiros, Comissário destas Comemorações — a quem aproveitamos para felicitar pelo êxito, invulgar dinamismo e amplitude das mesmas —, o agradecimento pela confiança depositada ao propor o nosso nome para a realização de tal tarefa, a que esperamos ter sabido e podido corresponder. A ele modestamente nos associamos no tributo que, com tal conjunto de iniciativas, não deixa de prestar à memória de seu pai, o saudoso Dr. Danilo Barreiros, ensaísta, coleccionador, divulgador e estudioso da vida e da obra de Wenceslau de Moraes.

TEREZA SENA

Investigadora-Coordenadora do Instituto Ricci de Macau

INTRODUÇÃO

Tokushima. Chego ao entardecer. Adivinho-lhe o fulgor de cidadezinha verdejante, de recorte quase mediterrânico. Avisto as salinas, o rio imenso e o mar ao fundo.

Tokushima é, com effeito, uma longa faixa de casitas em cardume, de madeira ennegrecida pelo tempo e de grandes telhas negras, alastrando-se em superficie plana, entre o mar e a serra. [«O Barril do Lixo do Cemiterio de Chiyo On-Ji».]

Sigo pela rua Iga-chô, insignificante e monótona, uma ruela de aldeia. A brisa suave traz até mim o perfume do laranjal de outrora.

Somos tentados a julgar, que o perfume é uma maravilha superior á condição do ser humano, creada talvez para aprazimento dos anjos, dos deuses invisiveis, não para nós; sentimol-o, gosamos n'elle, mas sem o comprehendermos, sem podermos formular no cerebro uma synthese de ideias que lhe respeitem, por isso incapazes de definil-o pela linguagem que falamos... [«Sem Cheiro».]

Grasnam os corvos. Um carvalho enorme, robusto e vicejante, estende a sombra frondosa sobre uma pequena mas graciosa casinha de madeira.

A porta entreaberta convida-me a entrar.

Paro.

Que procuro? O paraíso, o refúgio, o exílio? O sentido da vida e da morte? Talvez a eternidade.

Eis o jardim. Pequeno mas não exíguo.

[...] abundam plantas varias, n'um concheço de floresta, onde o inteiro solo verdeja. [...] florescem os junquinhos; as camelias estão em botão; uma pequena ameixeira cobre-se igualmente de botõesinhos alvos, que vão desabrochar em Fevereiro [...] [«No Meu Jardim de Saudades».]

De mansinho, medindo os passos, subo um a um os degraus da escada de madeira.

Não dá por mim. De joelhos, queda-se inerte entre as portas entreabertas de um armário com os olhos fixos num alucinado jogo de imagens. As portas de espelho reflectem incessantes, desdobrando-os em múltiplos de dois, os retratos que encimam o altar doméstico. Uma rajada de vento quente fá-los oscilar. Distorce-os. Tornam-se imperceptíveis, esfumados e, lentamente, começam a desaparecer.

Agora escuta-me. Olha, Ó-Yoné, tu estás aqui, a meu lado; estou vendo-te, estou ouvindo-te!... Não morreste, portanto; ou, se morreste, voltaste á vida novamente... Não morras pois, de novo; fica aqui, vivendo, amenizando o meu isolamento, na tua terra em Tokushima... [«Sonhando».]

Descalço, enverga um *iukata* gasto, escuro estampado a branco. Na cabeça um boné cinzento puído do uso.

Identifico dois rostos de mulher, olhos negros de amêndoa, sobranceiras arqueadas. Um sorriso doce, sereno, algo triste, numa boca de *cereja sempre fresca*, contrasta com a determinação do outro semblante, com alguma beleza sem dúvida, mas em que se adivinha tudo menos submissão.

É completamente alheio à minha presença.

Avanço. Evito tropeçar no *hibachi*, o minúsculo braseiro de família que, assente na esteira, tem junto a si. Fumega uma chaleira de ferro fundido. Ao lado, a bandeja com três minúsculas chávenas colocadas sobre pequenos pires de madeira, um recipiente de porcelana delicada e uma caixa de estanho. Um tanto desviados estão o *kiseru*, o cachimbo, e o recipiente rectangular de charão negro onde guarda o tabaco. Da enorme mão direita, cai-lhe um singular abano de penas.

Vejo um livro aberto sobre a baixa mesinha de trabalho.

Não contendo a excitação perante a hipótese de poder tratar-se daquele que tanto procuro. Tento não me precipitar e ajoelho-me também. Pego-lhe de mansinho e leio, com o recato e a reverência que a situação impõem:

E, por enredados processos da minha affectibilidade de solitario, acode-me ao sentido a ideia triste de que tambem eu, n'este ultimo capitulo de existencia, possuo o meu romance, embora bem differente; no meu romance, figuram tambem tres protagonistas, eu e duas mulheres; ellas já mortas, uma morta ha cerca de dois annos, a outra morta ha cerca de seis annos; porém, no fundo negro do quadro das minhas reminiscencias, destacam-se ainda, nitidos, os espectaculos pungitivos das suas duas grandes agonias... [«Um Triplo Suicidio no Japão».]

Lá está ele! Persiste naquele discurso construído de eremita desterrado, de autocomiseração, penso.

Sem respeito pelo recolhimento e cabelos brancos do idoso, devasso com o olhar o espaço que me rodeia.

Tarecos, bugigangas; uma cadeira meia manca, o armario desconjunctado, a rustica mesa de pinho, a loiça de serviço rachada pelo uso e, mais ainda, os quadrinhos suspensos das paredes, os retratinhos dispersos, os infimos ornamentos sem nome, aqui, alli, acolá, [...] [«Rindo e Chorando».]

Hesito. Que direito tenho eu a profanar, a intrometer-me selvaticamente no espaço sagrado da sua intimidade?

Mas afinal, não fora atrás do livro desaparecido que viera?

Ou também eu cumpriria a viagem? Para me anular? Para me encontrar? Em busca do alimento para os sentidos e para a alma que ansiamos reencontrar na distância, esgotado o tempo primordial em que se colhia no local de origem? Garantia do sustento, do sabor do lar, mas também do regresso, era sempre cuidadosamente transportado no viático, na bagagem daquele que, só acidentalmente, partia...

Não! Eu viera apenas para ver e conhecer!

Paciência!

O respeito não é superior à curiosidade, à ansiedade que me inquieta. Não, eu não estou contagiada por essa procura do sentido

das coisas. Dos pensamentos e dos actos, dos desejos e das frustrações, dos sentimentos: do amor, da dor e da saudade.

Pouco importa. Dele, há muito que nada existe. Quem, senão ele, cultivou o auto-abandono?

[...] recordarão por certo de que eu fui, n'outros tempos, um figurão, isto é, um cavalheiro de certa importancia social, vestindo farda agaloada, espada á cinta, dragonas sobre os hombros, relacionado e correspondendo-me com o alto functionalismo portuguez e estrangeiro, e ainda mais acima; [...] [«Um Jantar de Festa».]

Tenho ou não razão? Vejam só como desafia os seus ex-camaradas de curso:

[...] *companheiros a bordo da corveta Paciencia, na viagem da vida,* [...]

[...] velhos e queixando-se do rheumatismo e outros achaques, com as mangas dos uniformes cheias de galões, quasi todos reformados ou pelo menos em commissões sedentarias, aquecendo-se ao sol acariciador da nossa terra... ora, vocês, não me quererão dizer, por favor especial, em que é que sonham?... [«Sonhando».]

Balbucia umas palavras que me soam estranhas:

Será Ó-Yoné?... Será Ko-Haru?...

Ele não sonha, delira, certamente — penso para comigo e volto a pegar no livro. Quero ver-lhe o título, mas torna a interromper-me com o murmúrio:

Essa tua horrifica magreza, Ko-Haru, denuncia, por modo decisivo, o triumpho impudente da molestia contra o teu pobre corpo, contra todo o teu sêr, na lucta tremenda pela vida. Mais ainda: — traduz a gargalhada sarcastica que a criação, tam afanada sempre em destruir para criar, em criar para destruir, lança ao teu tam commovente apêgo á existencia, [...]. — A criação tem em forja não sei que novos sêres; faltam-lhe, porém, materiaes para os dar por promptos; exige agora os teus olhos, a tua bôcca, o teu cerebro, os teus braços, o teu peito, todas as tuas carnes e todos os teus ossos, toda tu, para queimar tudo, para fundir tudo, e assim obter materia prima com que possa continuar na sua obra... [«Ko-Haru».]

De certeza que já deu pela minha presença sem contudo o admitir. Percebe que fixo os olhos no anel de ouro à minha frente. Pequenino, de delicado anelar de mulher. Será uma aliança? — pergunto-me. Teima em tentar desviar a minha atenção e em condicionar-me o raciocínio:

Ah, aquelle anel!... Tragica historia tinha aquelle anel!... Aquelle anel, comprado por mim havia vinte annos, n'uma ourivesaria de Osaka, pertencera a outro dedo, a outra mulher. Fui eu quem o arrancou, ha quatro annos, a esse outro dedo, quando não era mais do que um dedo hirto, gelado, de um cadaver; e offereci-o a Ko-Haru, que acabava de prestar cuidados piedosos ao corpo de uma morta querida, que ia seguir para o crematorio...

E agora Ko-Haru, moribunda, dispunha da unica joia que possuia, o anel de oiro, e enviava-o á mãe...

Tragica historia de anel, não é verdade?... [«Ko-Haru».]

Outra mulher, pois claro. Eram dois os retratos. Também assim dizia o livro...

Fixa de novo os olhos nas fugidias imagens reflectidas nos espelhos e interroga-se:

Quem terá ficado com aquelle kimono de crépe de algodão — flôres de cerejeira, em azul, estampadas sobre o fundo branco, — que eu offereci a Ko-Haru alli por fins de junho, que ella estreou em julho durante a festa do templo de Ghion, e que tinha vestido em 2 de outubro, na occasião em que morreu?... [«Ko-Haru».]

E, como que justificando:

Como ella ia pompejante, como que irradiando alegrias em torno, n'uma apothese de juventude satisfeita de tudo e de si mesma!... É que estreava então um kimono novo, de algodão azul e branco, com grandes ramagens figurando flôres de cerejeira, — um kimono que eu lhe dera dias antes. [«Kimono ou Dinheiro? — Kimono».]

Sorri. Uma grossa lágrima sulca-lhe o rosto enrugado. Perde-se sorrateira no emaranhado das barbas calvas, amarelecidas, em perturbante desalinho.

É *Ó-Yoné e Ko-Haru*. Assim se chama o livro.

Áquelles que fôram tocados do mal da tristeza, que vivem do sonho e da saudade, e só áquelles, é offerecido este livro insignificante. [«Dedicatória».]

Modesta edição de a «Renascença Portuguesa» saída no Porto em 1923. Nunca mais viu o prelo¹ e tão inacessível ficou que me envolveu nesta odisseia em busca do livro perdido.

Deixemos agora a ficção e olhemos a obra, por alguns considerada a maior de Wenceslau de Moraes, aquela em que o Autor alcança a expressão literária mais genuína e na qual ultrapassa a descrição pitoresca e a temática do exotismo. Se esta última constatação não é integralmente verdadeira, porquanto traços de uma e de outra continuam a estar presentes em *Ó-Yoné e Ko-Haru*, trata-se da obra em que Wenceslau de Moraes — indubitavelmente a sua personagem central — testemunha a própria metamorfose. Mais, daquela em que confia, narra e descreve o quotidiano da sua experiência de reterritorialização, ao mesmo tempo que intenta — não sem alguma megalomania, ainda que ditada pelo espírito da época — a própria regeneração simbólica, pelo culto da saudade.

Folheamos, isso sim, um dos livros mais tristes e sofridos de toda a Literatura Portuguesa. Quase decerto aquele em que mais dolorosamente se reflecte, cogita, divaga e se convive com a morte, a solidão, a ausência e, naturalmente, a saudade. Mas também com o prazer *amargo* quase mórbido do sofrimento, próprio e alheio

¹ Não obstante Wenceslau de Moraes ter, em 1924, autorizado Cláudio Basto (1866-1945) a reeditar-lhe as obras após a sua morte, dando inclusivamente «instruções especiais para a 2.^a edição de *Ó-Yoné e Ko-Haru*, a qual terá mais um capítulo que a 1.^a», segundo afirma o próprio Basto em 1931 na revista *Portucale*, vol. IV, p. 146. Não nos foi possível seguir esta pista a tempo de o fazer incluir na presente edição, aqui ficando a sugestão para uma outra oportunidade. O relacionamento de Moraes com Cláudio Basto, conhecimento estabelecido através do coronel de artilharia Alfredo Ernesto Dias Branco (1862-?) aquando da sua residência em Viana do Castelo, e um dos seus mais dedicados amigos da época; a sua colaboração no referido periódico e o processo de produção deste livro podem ser acompanhados com algum pormenor através da leitura da correspondência de Moraes para Dias Branco, a quem, apesar de nunca ter conhecido pessoalmente, considerava o *único inspirador* deste e doutros livros. Ver *Osoroshi*, pref. e anot. de Álvaro Neves, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1933.

ÍNDICE

PREÂMBULO, por TEREZA SENA	7
INTRODUÇÃO, por TEREZA SENA	13
Critérios da presente edição	47

Ó-YONÉ E KO-HARU

<i>Dedicatória</i>	53
KO-HARU	55
SERÁ Ó-YONÉ?... SERÁ KO-HARU?...	85
O TIRO DO MEIO-DIA (AINDA KO-HARU)	95
UM JANTAR DE FESTA	105
UM TRIPLO SUICÍDIO NO JAPÃO	117
O EXOTISMO JAPONÊS	129
O BARRIL DO LIXO DO CEMITÉRIO DE CHIYO ON-JI	143
KIMONO OU DINHEIRO? — KIMONO	155
«HISAMATSU NÃO ESTÁ EM CASA»	167
SEM CHEIRO	179
MEIA BANANA	189
IMPRESSÕES DE UM PASSEIO	199

O ÚLTIMO RELANCE DE OLHOS NA PAISAGEM	213
SONHANDO	223
O TÚMULO DE ATSUMORI	233
RINDO E CHORANDO	243
NO MEU JARDIM DE SAUDADES	255
UM PROVÉRBIO JAPONÊS	265
Índice de ilustrações	276

Acabou de imprimir-se
em Janeiro de dois mil e seis.

Edição n.º 1012291

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br